



AS HEPATITES VIRAIS NO BRASIL: UM ESTUDO ECOLÓGICO

BRUNO DE SOUZA ASEVEDO LIMA; JULIA CARVALHO REIS; BEATRIZ ARAUJO DA SILVA SANTOS; BRENO SILVA SANTOS; SABRINA LACERDA VELOSO

RESUMO

INTRODUÇÃO: As hepatites virais são doenças infecciosas causadas por variáveis agentes etiológicos e caracterizadas pelo hepatotropismo. Apesar de muitas vezes se apresentarem como infecções silenciosas, podem apresentar icterícia, acolia fecal, náuseas, vômitos, febre, cefaléia e anorexia. **OBJETIVO:** Descrever a tendência temporal e as características sociodemográficas das hepatites virais no Brasil entre 2015 e 2020. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foi observado, no período estudado, uma diminuição total de 44,18% dos casos de hepatite em todo o Brasil, com variação proporcional percentual (VPP) de -55,81%. Contudo, quando calculada a VPP antes da pandemia, 2015 a 2019, observou-se uma variação percentual proporcional negativa de apenas 13,7%. Nesse sentido, essa tendência foi drasticamente ampliada em 2020, quando ocorreu uma queda ainda maior, possivelmente devido à subnotificação desse período pandêmico. Entretanto, apesar da diminuição, a incidência da doença ainda é considerada alta, com 20.010 casos registrados em 2020. O estudo mostrou que a prevalência é significativa entre indivíduos com 50 anos ou mais, representando 47,11% dos casos, acometendo principalmente homens. Quanto à distribuição étnico-racial, brancos representam 45,04% dos casos, sendo o mais predominante, porém, os indivíduos declarados amarelos possuem um risco relativo de 20,82%. Regionalmente, São Paulo tem o maior número de casos, com 13.413 registros. **CONCLUSÃO:** É necessário que, diante da sua alta prevalência observada nesse estudo, ações de prevenção e de promoção à saúde tornem-se prioritárias para o enfrentamento das hepatites virais no Brasil, visto que é uma doença em que seus mecanismos causais já são bem conhecidos e bastante evitáveis.

Palavras-chave: Tendência Temporal; HAV; HBV; HCV; HDV

1 INTRODUÇÃO

As hepatites virais são doenças infecciosas causadas por diversos agentes etiológicos e possuem distribuição universal. No Brasil, as hepatites mais comuns são as causadas pelos vírus da Hepatite A (HAV), Hepatite B (HBV), Hepatite C (HCV) e, em menor frequência, Hepatite D (HDV) (FERREIRA, 2004). Essas doenças compartilham grandes semelhanças no aspecto endêmico-epidemiológico e nas manifestações clínicas, porém, apresentam importantes particularidades.

A disparidade socioeconômica e as irregularidades dos serviços de saúde no Brasil contribuem significativamente para o cenário das hepatites virais, resultando em um número expressivo de mortalidade anual (1,4 milhões), sendo, assim, um grave problema de saúde pública, o que exige grandes esforços governamentais para prevenção e controle. As hepatites virais são patologias de notificação compulsória, conforme Portaria vigente (BRASIL, 2017).

As características clínicas podem variar de manifestações assintomáticas até icterícia, acolia fecal, colúria, náuseas, vômitos, febre, fadiga, anorexia e evoluir para insuficiência hepática aguda grave (fulminante). A hepatite crônica tem curso assintomático e os sintomas

aparecem em estágios avançados, quando já há comprometimento hepático, podendo incluir fibrose, cirrose hepática e comprometimento de outros órgãos (BRASIL, 2009).

O diagnóstico das hepatites virais, principalmente dos tipos B e C, ocorre na fase crônica da doença, em que há presença de replicação viral persistente por mais de seis meses. No entanto, para determinar a etiologia é necessária a realização de exames sorológicos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018). Na fase aguda das hepatites, as aminotransferases podem elevar-se em até 10 vezes acima do limite. (DA ROSA *et al.*, 2012; SCALIONI *et al.*, 2015). Além disso, o PCR (do inglês *polymerase chain reaction*) também é uma opção diagnóstica.

A prevenção das Hepatites Virais inclui: a administração das vacinas para hepatites A e B; práticas sexuais seguras, com o uso de preservativos; o não compartilhamento de objetos de uso pessoal; a higienização adequada de alimentos e a realização de triagem pré-natal. O tratamento das Hepatites é sintomático.

O presente artigo tem como principal objetivo analisar os principais fatores socioeconômicos e a distribuição epidemiológica das Hepatites Virais no Brasil.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo ecológico com finalidade descritiva considerando a distribuição e a tendência temporal das hepatites virais no Brasil entre 2015 e 2020. Os casos das hepatites virais foram provenientes do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação).

Com o objetivo de avaliar a tendência temporal, foram estimadas as frequências no período citado, estratificados por gênero. Com o intuito de desenvolver análise descritiva da distribuição das ocorrências segundo variáveis sociodemográficas, foram analisados os dados relativos ao ano de 2020. Para este ano, a análise incluiu as seguintes variáveis: gênero, faixa etária e raça/cor. A análise estimou as frequências das hepatites virais (distribuição percentual e taxas de sua ocorrência) para estes grupos. Foram registradas as frequências de casos considerados perdidos e ignorados para dimensionamento dos problemas de notificação.

Para a série temporal, foram estimadas as taxas anuais e calculadas as variações proporcionais percentuais (VPP) para todo o período analisado, do total, em homens e em mulheres.

Para os cálculos das taxas de mortalidade, foram utilizados dados populacionais, provenientes do Censo Demográfico de 2022 (por gênero, faixa etária e raça/cor), com base no Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), tabela 9606 (<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9606#resultado>).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

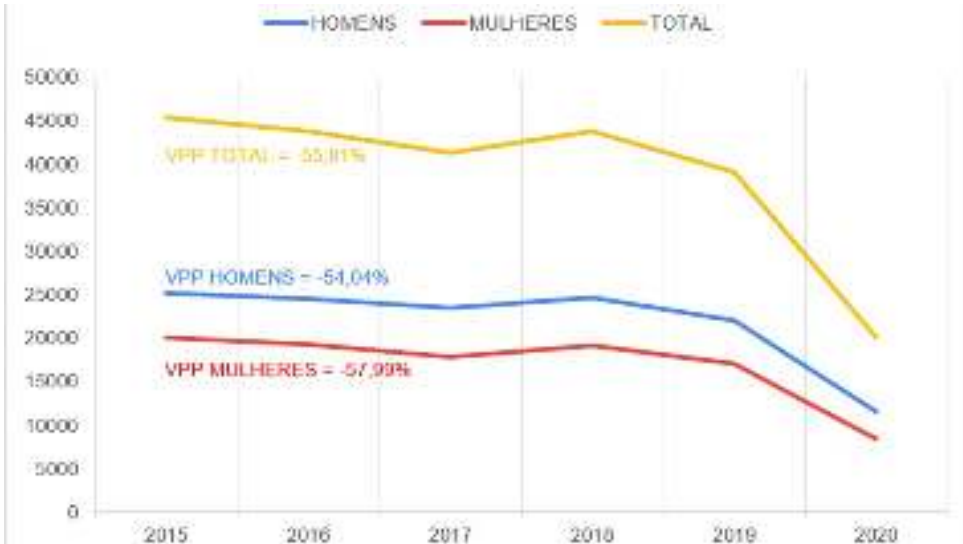
As Hepatites Virais designam inflamação do fígado e são aplicadas em uma ampla categoria de condições clinicopatológicas que resultam de danos produzidos por lesões virais, tóxicas, metabólicas, farmacológicas ou imunomediadas a esse órgão (PATEL *et al.*, 2023).

Foi constatado, conforme evidenciado no Gráfico 1, que a quantidade de casos diminuiu em 46,0% entre 2015 e 2020 nos homens. Nas mulheres, essa quantia diminuiu em 42,0% no mesmo período, resultando em uma diminuição total de 44,2% dos casos de hepatite em todo o Brasil. No entanto, apesar dessa queda significativa nos registros de ocorrência, sabe-se que o ano de 2020 foi atípico, uma vez que o mundo foi acometido pela pandemia da Covid-19, impactando nos processos de registro e de subnotificação.

Percebe-se que a tendência temporal nessa série histórica é negativa, ou seja, há tendência de diminuição nos registros desses casos. De 2015 a 2020 houve variação percentual proporcional negativa sustentada de 55,8%, tanto para dados gerais, quanto quando observados os homens (VPP = - 54%) e as mulheres (VPP = - 58%), observada no Gráfico 1. Contudo, quando calculada a VPP antes da pandemia, de 2015 a 2019, observou-se uma tendência de queda nos registros de casos, com uma variação percentual proporcional negativa de 13,7%.

Nesse sentido, essa tendência foi drasticamente ampliada em 2020, quando ocorreu uma queda ainda maior, possivelmente devido à subnotificação. No entanto, apesar dessa queda significativa na prevalência, ainda é importante manter a atenção, uma vez que a incidência da doença continua sendo alta, haja vista que no ano de 2020, no Brasil, ocorreram 20.010 casos registrados, para além dos não vistos (não diagnosticados ou não notificados), como notada no Gráfico 1. Com isso, a conscientização e as medidas preventivas devem seguir em prática para evitar um aumento nos casos no futuro.

Gráfico 1. Tendência Temporal das Hepatites Virais no Brasil (2015-20)



Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação, SINAN (2022)

Em relação à faixa etária, observa-se na Tabela 1 a ocorrência significativa das Hepatites Virais entre os indivíduos com 50 anos ou mais, totalizando 47,11% dos casos registrados. Em seguida, estão os indivíduos com idades compreendidas entre 25 e 49 anos, representando 46,41% do total de casos. As crianças de até 13 anos apresentam uma incidência relativamente baixa, contribuindo com apenas 1,02% dos casos, enquanto os jovens entre 14 e 24 anos respondem por 5,46% do total de casos relatados.

As análises epidemiológicas indicam que a taxa de ocorrência das Hepatites Virais no Brasil corresponde a 9,8/100 mil habitantes, sendo mais elevada em homens (11,7/100.000). Para este grupo, indivíduos com 50 anos ou mais ganham destaque, com uma taxa de 22,1 a cada 100 mil habitantes (Tabela 1). Além disso, a faixa etária correspondente aos indivíduos de 14 a 24 anos mostrou ser a única na qual possui um maior quantitativo de casos femininos em comparação à masculina, representando 59,7%.

Tabela 1 - Perfil Sociodemográfico Da Hepatite Viral (SINAN,2020)

Características sociodemográficas				Sexo							
				Masculino			Feminino			Indefinido	
	n	%	Taxa*	n	%	Taxa*	n	%	Taxa*	n	%
Total	20011	100,0	9,85	11555	57,8	11,74	8456	42,2	8,07	7	0,0
Faixa Etária*	Até 13 anos	204	1,0	110	53,9	0,54	34	16,1	0,48		
	14 a 24 anos	1032	5,2	690	40,3	2,92	682	59,7	0,44		
	25 a 49 anos	9287	46,4	5139	57,5	14,11	3645	42,5	9,99	3	0,0
	50 ou mais anos	9428	47,1	5679	60,2	22,13	3745	39,7	17,23	4	0,0
Raça/Cor	Branca	1922	9,6	1006	57,0	10,81	626	43,0	0,15		
	Parda	6627	33,1	3807	57,4	9,42	3819	42,5	6,01	1	0,0
	Preta	9013	45,0	5244	58,2	12,55	3767	41,8	8,11	2	0,0
	Indígena	99	0,5	48	48,5	7,86	31	31,3	8,27		
	Amarela	177	0,9	109	59,9	16,44	71	40,1	15,80		
Indefinido**	2173	10,9		1267	58,3		902	41,5		4	0,2

NOTA: * O risco, ou taxa da ocorrência das hepatites, foi calculada a partir dos dados da

tabela 9606 do SIDRA do IBGE, no sítio eletrônico: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9606#resultado> e multiplicado por 100.000 habitantes.

** A Taxa de ocorrência das hepatites não foi possível ser calculada na população ignorada quanto a raça/cor.

Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação, SINAN (2022)

Dentro do contexto da distribuição dos casos de hepatite viral conforme o registro de raça/cor, observou-se maior registro de casos em brancos (45%), seguido de negros (pretos e pardos, 42,7%). Porém, ao se avaliar as taxas que representam o risco atribuível, os indivíduos amarelos apresentaram nessa série histórica os maiores coeficientes (20,8 a cada 100 mil habitantes), quando comparados aos brancos, segundo em taxa (10,2/100.000). Homens e mulheres amarelas também figuram como população de maior risco para as hepatites virais no Brasil (Tabela 1). Importante salientar que 2.173 casos tiveram o critério racial ignorado, totalizando 10,8% dos casos.

Além disso, estudos soropidemiológicos em populações indígenas têm revelado uma alta endemicidade relacionada à infecção por hepatite (NUNES, 2004), possuindo coeficientes (8 a cada 100 mil habitantes) devido às várias barreiras de acesso que limitam o cuidado de saúde prestado a esses povos em diferentes regiões do país. Dentre os principais obstáculos, destacam-se as barreiras organizacionais, as geográficas e as culturais, incluindo a falta ou a insuficiência de intérpretes culturais que facilitariam uma melhor comunicação entre as etnias e os serviços de saúde (GOMES, 2017).

Outro aspecto importante a se considerar é a distribuição dos casos de hepatite viral pelos estados brasileiros, expostos na Figura 1. Na região Norte, Rondônia se destaca com 2.192 casos notificados, representando 4,82% do total. Na região Nordeste, a Bahia lidera com 1.414 casos, correspondendo a 3,14% do total. No Sudeste e Sul, São Paulo e Rio Grande do Sul ocupam os estados com maior número de casos, sendo de 13.413 e 7.110, respectivamente, o que representa 29,62% e 15,70% do total. Por fim, na região Centro-Oeste, o Mato Grosso registra 1.000 casos, representando 2,21% do total analisado.

Figura 1 - Distribuição Espacial da Hepatite Viral no Brasil (SINAN,2022)



Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação, SINAN (2022)

Conclui-se, portanto, que São Paulo é o estado com o maior número de casos notificados no país durante o período em questão. Possivelmente, deve-se avaliar os modelos de gestão em saúde adotados nestes estados, que viabilizam maior sensibilidade à identificação

e ao registro de casos.

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, as investigações em relação à epidemiologia das Hepatites Virais levaram a uma abordagem centralizada na faixa etária, raça, sexo, distribuição geográfica e visto sua tendência temporal. Há evidente queda nos registros da doença, que poderia ser atribuída ao atípico ano de 2020, apresentando subnotificação pela presença da Covid-19 em contexto de pandemia, porém, esse decréscimo nos registros já era pregresso à pandemia, evidenciando queda sustentada nas notificações. Observou-se, geograficamente, maior concentração de casos em São Paulo e em Rio Grande do Sul. Os homens estão em posição de maior risco e de acordo com a faixa etária, indivíduos com 50 anos ou mais são os mais acometidos, possuindo também o maior risco. No critério de raça/cor, há maior ocorrência das hepatites entre os brancos, porém, o risco é mais alto entre os amarelos.

Dessa maneira, ações de prevenção e de promoção à saúde precisam figurar como prioritárias para o enfrentamento das hepatites virais no Brasil, doença em que seus mecanismos causais já são bem conhecidos e bastante evitáveis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/ Aids e das Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Hepatite B e Coinfecções**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância em Saúde. **Hepatites virais: o Brasil está atento**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Manual Técnico para o Diagnóstico das Hepatites Virais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

DA CONCEIÇÃO, O. J. G.; SICILIANO, R. F.; FOCACCIA, R. Hepatite A: Patogenia. In: FOCACCIA, R. (Ed.). **Tratado de Hepatites Virais e Doenças Associadas**. 3. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2013. p. 245-247.

DA ROSA, F. et al. **Prevalência de anti-HCV em uma população privada de liberdade**. Revista da Associação Médica Brasileira (1992), v. 58, n. 5, p. 557-560, 2012.

FERREIRA, C. T.; SILVEIRA, T. R. DA. **Hepatites virais: aspectos da epidemiologia e da prevenção**. Revista brasileira de epidemiologia [Brazilian journal of epidemiology], v. 7, n. 4, p. 473- 487, 2004.

GASPAR, A. M. C.; VITRAL, C. LA.; DE OLIVEIRA, J. M. Biologia Molecular do Vírus da Hepatite A. In: FOCACCIA, R. (Ed.). **Tratado de Hepatites Virais e Doenças Associadas**. 3. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2013. p. 249-55.

GOMES, S. C.; ESPERIDIÃO, M. A. **Acesso dos usuários indígenas aos serviços de saúde de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**. 2017. Cadernos de Saúde Pública, v. 33, n. 5.

NUNES, H. M.; SOARES, M. C. P.; SILVA, H. M. R. **Infecção pelo vírus da hepatite A em área indígena da Amazônia oriental brasileira.** 2004. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, 37, 52-56.

PATEL, N. M.; PAN, J. J.; FALLON, M. B. **Hepatites Aguda e Crônica.** In: WING, E. J.; SCHIFFMAN, F. J. Cecil Medicina Essencial. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora GEN Guanabara Koogan, 2023. p. 465-468.

VILLAR, L. M. et al. **Update on hepatitis B and C virus diagnosis.** World journal of virology, v. 4, n. 4, p. 323, 2015.